

PARODIA

PREÇO

Lisboa e prov.
Cobrança pe
Africa e
Vende-se
cines (GRA

500 réis
12000 *
100 *
correio.
ard des Captu-

CARICATURAS DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

E

M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

Administrador — GONZAGA GOMES
Administração — RUA DA BARROCA, 115, 1.º
Composição: Min. Peninsular, 117, R. da Atalaya, 113
Impressão: Lythographia Artistica,
R. do Jardim do Tabaco, 92 a 96

Preço avulso 20 réis

Um mez depois de publicado 40 réis



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

M. Gustavo Bordallo Pinheiro

A Parodia abre um parenthesis na sua alegria para uma singela commemoração ao glorioso Mestre que passa inanimado, ao involucro do gentilissimo espirito do grande ironista que deixa em paginas inconfundiveis o traço in-delevel do seu talento e uma boa parte da herança que recebemos do seculo XIX intellectual.



CHRONICA A FINGIR



Saibam quantos este publico instrumento virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1900, aos 28 dias de Clarinha, digo, aos 28 dias de agosto, n'esta cidade de Lisboa e cervejaria da Trindade, encontrando-me eu chronista na posse da minha famosa bronchite chronica e em frente de uma cerveja *Bohemia* e um caderno destinado a ser escurecido com palavras escriptas com tinta preta, como os olhos pretos da pretidão d'amor, isto é, destinado á *Chronica da Parodia* de amanhã, me vejo grego para dar conta do recado, por circumstancias alheias á minha proverbial boa vontade.

E mais declaro, que em tempos não muito remotos houve um homem tão illustre como ignorado, que ao cabo de sérias locubrações descobriu e afirmou ao mundo que para bem se preparar uma perdiz com molho de vilão, a primeira coisa que se tornava necessaria era uma perdiz. Outrosim, succede-me a mesma coisa. Incumbido de fazer uma chronica, offereci, como era natural, a minha referida bronchite, que já estava feita e é authentica, como posso provar com attestados de facultativos abalissadissimos. Foi regeitada, o que a acirrou, a ponto, que tenho tossido toda a santissima noite, tornando-se assim muito dolorosa a minha já de si ardua tarefa de consignar factos e sobre elles fazer incidir a minha judiciosa critica, que é ainda uma das coisas que ha para vér em Lisboa.

Quero eu afinal dizer, que se para o acepipe acima mencionado se torna indispensavel a perdiz, para bem se fazer uma chronica — na mesma ordem de ideias do outro cabeça de burro —, se torna necessario um assumpto. E esse assumpto, meus ca-

ros amigos, não se arranja como os srs. imagiuam. Tenho corrido Séca e Méca, tenho conversado com homens eminentes — desde o sr. Correia de Barros, que está muito mais pequeno desde que cahiram os progressistas até ao sr. Costa Pinto, que está cada vez mais alto e de muito boa apparencia — e nada de achar um triste caso para a Chronica.



—Faz calor! disse-me um.

—Lisboa, agora, não se atura! disse o outro.

—Já cá se sabia. Pódem limpar as mãos á parede com as novidades. Com as novidades e com o *Correio da Noite*.

E ao cabo de um dia de correrias e de entrevistas nada apurei. Uma amargura. A certa altura tive um momento de alegria. Foi quando um dos taes homens eminentes me disse: —Oh diabo, porque se não atira v. ás nuvens do ministro da guerra?

—Lembra bem!

Deitei a correr. O ministro recebeu-me com muito agrado. Muita festa para o *Festas*, e tal, e toca a entrar no assumpto.

—Então, o que o traz por cá, seu catita?

—Homem, deixe-me. A Chronica, sempre a Chronica. Só o conselheiro me póde valer.



—Eu?!

—Já lhe cantei. Pelas cinco chagas de Christo, deixe me vér as suas nuvens!

—Sinto muito, mas não posso.

—Oh conselheiro, eu ponho-o mais alto que ellas, se v. ex.^a m'as mostra!



—Oh, homem de Deus! já disse, não posso!

—Oh Pimentel de minha alma! Oh Pinto das minhas entranhas. Deixe-me vê-las! Eu não lhes toco. Mesmo na sua mão... Então, quem é que tem um general todo catita, quem é?

Inexorável, o sr. ministro da guerra abanou a cabeça.

—Nunca lh'as mostrarei. Constituem segredo de Estado!



—Mas lembre-se que eu preciso fazer a minha Chronica para ganhar a vida!

—Não sou homem que falte aos meus deveres por causa dos seus haveres.

—Devo então considerar-me um homem perdido?

—Perdidas só as mulheres que o são. E mesmo d'essas não se pôde já verdadeiramente lamentar a sorte. Ainda ha dias, em conselho, ficou assente este principio de Direito: *Se vives a mulher perdida, não a trates com desdem*. O Arroyo já communi- cou esta resolução do governo ás potencias, em circular: — *N'insultez jamais une femme qui tombe*. D'esta não sabia o sr., hein?



—Não sabia, não. Isto é, o Victor Hugo já me tinha dito qualquer coisa a esse respeito, aqui ha tempos.

E tendo dado a hora e eu chronista verificado que não havia na sala pessoa alguma que pagasse a ceryeja, resolvi-me não sem custo, a pôr trez vintes na bandeja e a encerrar esta, que até por signal não assigno.

PROSADORES E POETAS DE RILHAFOLES

— Senhor, disse Lucas Garção a D. Affonso IV que estava escamado como uma barata, vossa magestade não faz ideia! D. Ignez é o que se chama uma mulher tezisima. D'uma cana, meu Senhor! Quando lhe disse que ia em serviço vosso e por vosso real mandado, poz se de pé e fitando-me altaneira, exclamou: — Ah, sim? Elle é isso? Pois talvez te escreva!

— Moderação, senhora, exclamei eu. Meu amo e senhor manda e ha-ae ser obedecido.

D. Ignez riu como uma damnada e disse:

— Que grande maduro! Este gajo está doído!

Sahi precipitadamente e aqui estou, meu Senhor, a impetrar da Real Graça mais um alto favor

— Qué é? trovejou D. Affonso IV.

— E' que eu quero ir queixar-me ao juiz Veiga...

FAUSTINO DA FONSECA.

Outra causa do abatimento profundo da raça humana é a falsificação dos generos alimenticios, vinhos e tabaco, habilitado. Contra elle clamam os humildes. A voz dos pequenos custa muito a ouvir se e difficilmente encontra ocho favoravel nas regiões officiaes. Tal qual a nossa quando impetramos a misericordia divina.

Toda a gente sabe que para adoçar o chá e o café é preciso hoje empregar maior quantidade de assucar e que o chá perde almas vezes o seu bom gosto por causa de outra coisa. Ora toma, Mariquinhas!

BRITO ARANHA

A lua faz gear a planura do mar
E polvilha de neve as rochas em vigilia:
Talvez do céu andem as santas a regar
As algas brancas com um chá de tilia.

Talvez viesse, de algum lago da Judeia,
A agua onde Christo andou, em passos desilantes
Ou talvez que na lua haja essa potreja
Com que o general Cunha se pintava d'antes.

Talvez, talvez!... — Oh, lua, eu tenho uma obsessão violenta:
Cuido que vem de ti a voz que me adormenta
Longe, n'um mundo onde não grita a dor humana;

E penso então se irei, um dia, ao fim da vida,
Pêdir, exausto de uma lucta animicida,
Meio litro de tostão ou um cagão de cana!

D. JOÃO DE CASTRO



Diz o gafanhoto:
— Vou para o Terreiro do Paço. Ao menos, a mim, não me podem accusar d'atropellar quem passa...

(Do Judge, Nova York).



Instantânea PARODIA



E', podem crêr, um grande atradiço...
E, tal como é, julga ter um partidão...
Elle sempre ha cada uma! |||||

AGENCIA NACIONAL

DIRECTOR: AUGUSTO SOARES
Anuncios para os jornaes do paiz e extrangeiro.—
Affixação de cartazes.—Publicidade em todos os generos.

Coupons de journaux sur tous sujets et personalities.
RUA AUREA, 178.—TELEPHONE: 286

MACHINAS DE ESCRIVER «YOST»

R. dos Retrozeiros, 35, 1.º D.º

A. L. FREIRE



Com atelier de gravura e grande estabelecimento de papelaria e officinas de typographia, lithographia e encadernador, fabrica de carimbos e suas machinas, armazen das letras esmaltadas, retratos a crayon, cutelarias, ferragens, perfumarias, etc., fundados em 1882.

Telephone 943.
RUA DO OUMO, 158 a 164

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO AO PUBLICO

Os comboios tramways n.º 211 e 212 que segundo o horario em vigor deviam realizar-se de 1 a 30 de Setembro, entre Caldas e S. Martinho, começam a effectuar-se desde 15 de Agosto corrente.
Lisboa, 10 de Agosto de 1900. — O sub-director da Companhia, Manuel F. de Vargas.

CAMOEZA VULGAR DE LINNEU

OU

O Paraizo achado... pelo sr. juiz Veiga



N'este paraizo foi Angelo Adão quem deu a maçãzinha á menina Eva de Jesus.

A PARODIA



"A Parodia" nas Trinas

As freiras de Santa Clara,
Santa Clara,
Quando vão rezar ao côro
Dizem umas para as outras,
para as outras,
Quem me dera ter namôro.

Cebolorio!
Cebolorio!
Cebolorio!

Bacalhau assado,
Bacalhau cozido,
Com seu dente d'alho
Muito bem batido.
Resina p'ra curar callos,
Ora pro nobis!

(CANÇÃO POPULAR)



As freiras hoje velhotas,
velhotas,
Doentes d'encravação,
Dão safâncas as noviças
as noviças.
Beliscões no hortelão.

Cupidorio!
Cupidorio!
Cupidorio!

Batinas com azas,
Azas com batinas,
Com tres logos, logos,
Na cella das Trinas.
Resina p'ra curar callos,
Ora pro nobis!

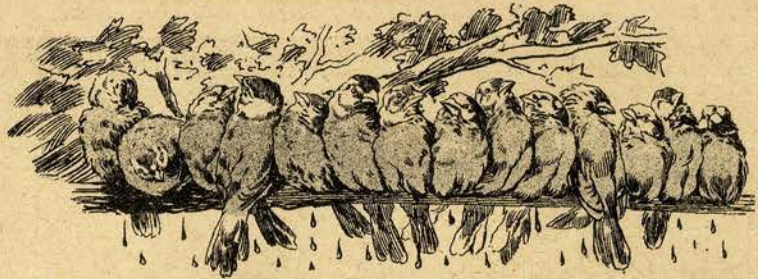


Assistindo a um tu-
neral pomposo, com
coches da casa real,
muitas corôas, tropa,
musicas, muitos pa-
dres, muitissimos con-
vidados, um nosso
amigo exclama:
— Isto dá vontade
de morrer!

Era o nosso amigo
Herculano... da Pon-
seca.



OS PARDAES DA AVENIDA



Oh! Vós que passaes! Janotas da Avenida! Do alto d'esse tronco
quinze pardaes vos contemplam... do outro lado.



Reproduzimos em seguida uns versos de
um poeta damnado para as pégas, como os
srs. vão vêr.

Não me atormentes, não! — Queres brincar
com este pobre e triste coração,
como brinca na areia o iniqueto mar

com fragil concha? Insistes? Mas então
se eu me vingar, por fim, dos teus desdens,
dizendo ao mundo quantos annos tens?...

Deixe-se de insidias, homem. A pobre
creatura tem apenas um. Já cá se sabe. Você
é que tem a mania de exagerar tudo, ca-
ramba!



O sr. Manuel de Moura, que é um poeta
muito gordo e muito talentoso, escrevendo
âcerca do sr. Oliveira Passos, que é um poe-
ta muito magro e muito inspirado, diz:

Tributam a Oliveira Passos a nossa admiração—
coisa rara, que nós, nem por dinheiro, podiamos dar a
ninguem.

Pedimos em nosso favor uma excepção—
sinha. Convem nos agora muito um pouco
de admiração do sr. Moura, embora isso nos
custe um sacrificio.

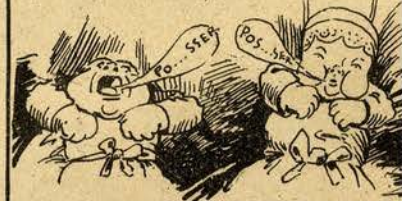
Aqui está todo o nosso dinheiro. Dezese-
te vintens e meio...



Mello Barreto não só se não aborreceu
com a nossa inconfidência do numero pas-
sado — a publicação das confidencias da actriz
Delphina—como até gostou.

E hontem segredou-nos mais esta para a
collecção:

—Então saiba v. mais. A Delphina dis-
se-me: Não imagina, Barreto, a influencia
poderosa, decisiva, que o Posser exerce so-
bre os artistas. E' espantoso! E na Miseri-
cordia como no theatro, consta-me. As
creancinhas que cá fóra, nos nossos lares,
começam por balbuciar Pa... pá—na Mise-
ricordia estreiam-se sempre assim: Pos...
ser. Na Misericordia é considerado o pae
de todos. No theatro, o fura bolos.



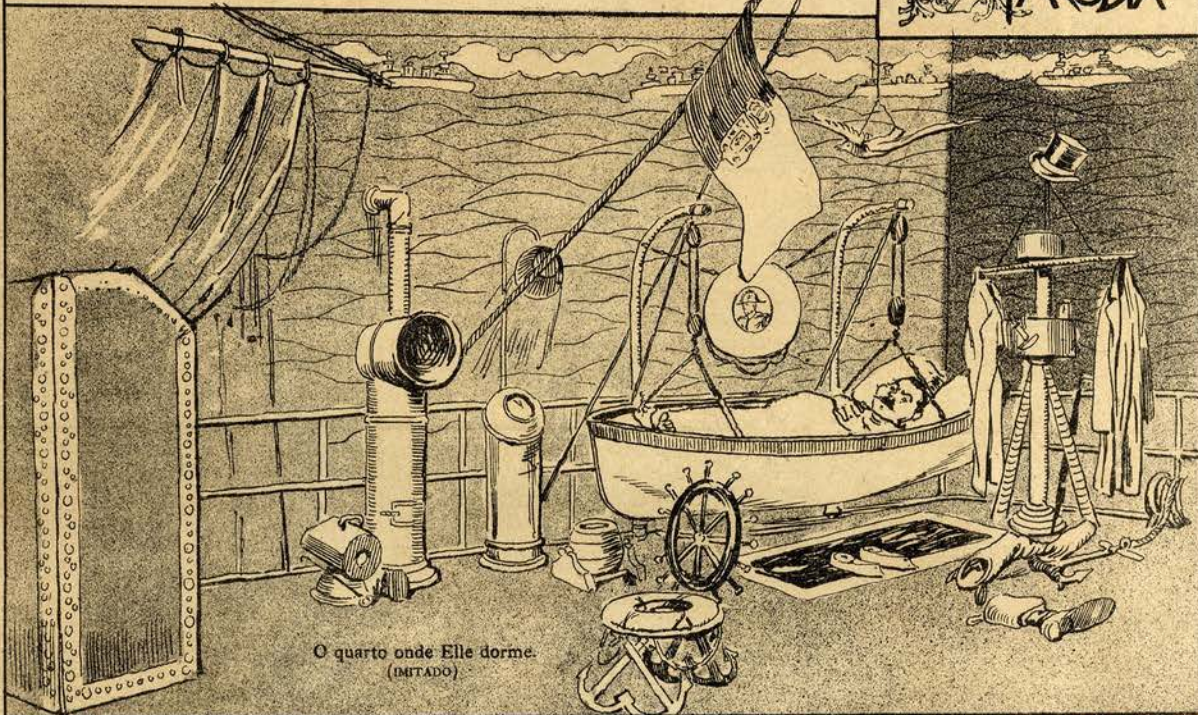
Perfil... a preto

(Correspondencia de Coimbra)



E' poeta de bom gosto,
e bastante conhecido,
nos seus versos tem piada
e não é aborrecido.

Alguns cousa
sobre o Teixeira de Souza



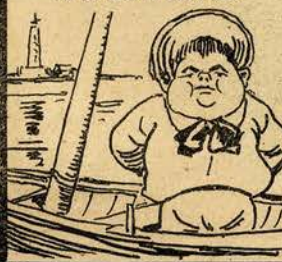
O quarto onde Elle dorme.
(IMITADO)

Quando nasceu, o Teixeira
Logo á familia pediu,
Que o mandassem pelo rio
N'uma barquinha ligeira
Para a Torre do Bugio.



Se n'outro tempo nascesse
Como nasceu o tal Gama,
Apostava, se outro houvesse,
Que fosse á India e viesse
Com melhor e com mais fama

Sempre o mar o commoveu.
Em pequeno, o bigorilhas,
Chegava a espantar o céu:
Fazendo gázea ao lyceu,
Ia de bote a Cacilhas.



N'esses mares navegados
Por heroes de mais ou menos,
Tomava banhos salgados
Com maillots avermelhados
Na barca Estrella de Venus.



Por estes feitos e mais,
Foi escolhido n'um registro
De varões originaes
Para sizudo ministro
Do rio Tejo até Cascaes.

Porque o Teixeira de Souza
Apesar de paisano é
Um ministro que ainda ousa
Ir ao mar, por qualquer cousa,
Onde outros não põem pé.

Ha-de chegar ao que quer
Por linhas tortas e curvas,
Diga embora quem disser
Que este ministro ha-de ser
Um ministro d'aguas turvas.

Se eu tivesse rima em ór,
Se eu tivesse rima em ilra,
Mandava já p'ra Timor
Quem chama a este senhor
Um ministro d'agua chilra.

E' ministro que se cóta,
Com cabeça de basalto
P'ra commandar qualquer fróta...
Elle e a pescada marmota
São do mar e do mar alto.



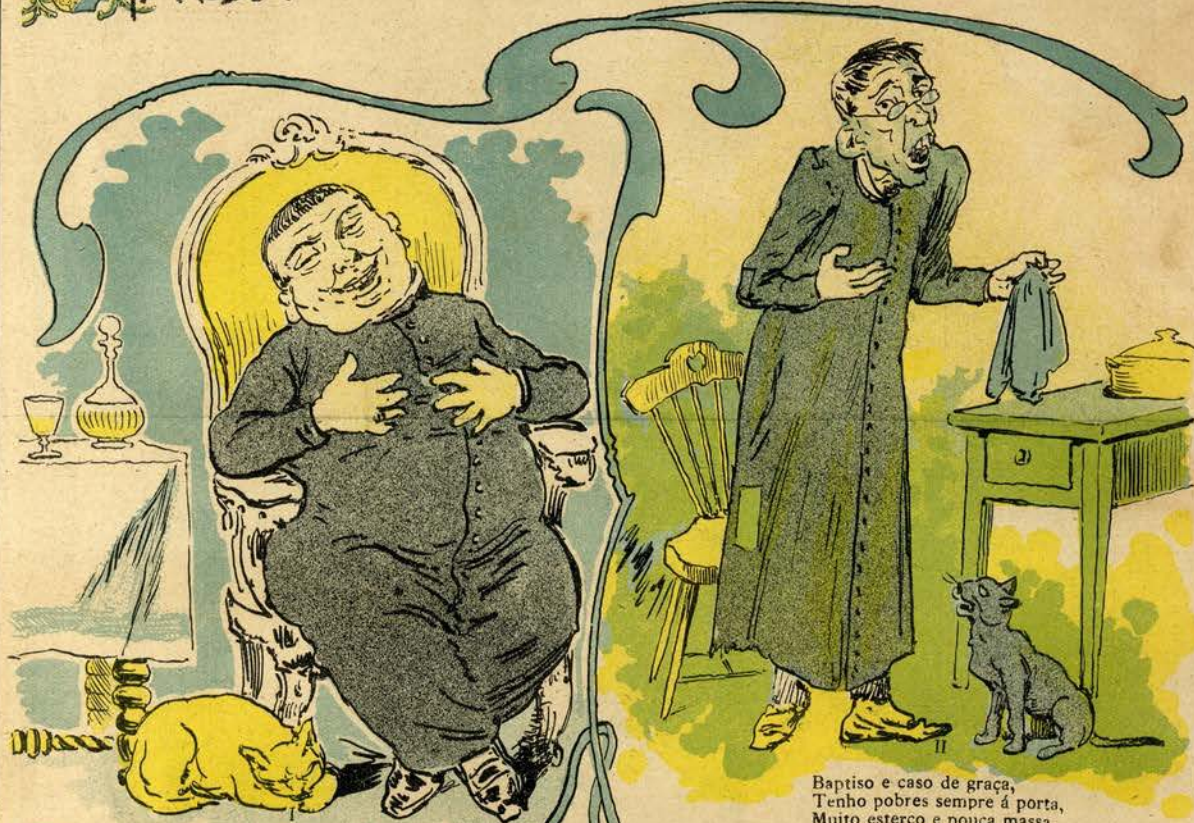
Fez viagens d'instrucção
Por um mar incerto e vago,
Onde a vaga é sem cachão:
Um marzinho como um lago
Feito d'aguas de Vidago.

Veiu de lá lobo de mar,
Um lobo de mar rachtico,
Com o leme a dar que dar,
Ministro de navegar,
Bicarbonatado, lithico...

Almirante a preço módico,
Facultativo adiposo,
Ministro n'um mar famoso
Todo sulfatado, sódico,
Todo alcalino, gazoso...

XENOFONTE DE RISCA AO LADO.





Digo missas d'espavento
Tenho ricas confessadas,
Sou lembrado em testamento
De velhotas abastadas.

Batismo e caso de graça,
Tenho pobres sempre á porta,
Muito esterco e pouca massa
Não passo da cêpa torta.

OS DAS TRINAS



RAPHAEL BORDALLO PIN

Padre ou hortelão, hortelão ou padre — sempre Joaquina